

Diálogos com a morte e + 2 (Portuguese Edition)

Pages: 131

Format: pdf, epub

Language: Portuguese

[DOWNLOAD FULL EBOOK PDF]

DIÁLOGOS COM A MORTE

E + 2.

Matheus Morais Inácio.

Nascido dos piores momentos

que por mim passaram.

Mesmo depois dela, ela e Rebeca

Uma vez ouvi dizer que a consciência humana persiste por mais oito minutos depois da morte. Ah! Mais oito minutos depois que essa máquina que monitora meus batimentos parar de apitar. Acho que minha vida toda eu vivi morto. Sempre achando que o tempo seria curto e, que dali a oito minutos eu enfrentaria o eterno não-ser.

Engraçado, eu não ouço mais nada. Rebeca está chorando ali, do outro lado do vidro, acho que se ela me abraçar logo ainda sentirei uma vez mais seus braços frios me envolvendo num abraço quente. Pobre máquina. Pobre hospital. Não me salvaram. Pobre Rebeca. Pobre de mim.

Então é isso? Depois de morto, quando nada deveria importar, eu ainda sinto pena? Angústia por ela estar tão longe. Continuo sentindo medo da morte, mas droga eu já estou morto! Será a eternidade um medo da morte eterno? Pobre Bergman que nunca se livrará do medo. E quanto a mim? Quantos minutos me restam de morte?

Queria ter braços para escrever um poema e pra abraçar Rebeca outra vez. Acho que pior que morrer é ter estar vivo mesmo morto! Que castigo, ela tão perto, mas tão longe. Não tivemos filhos, achei que seria perda tempo. Agora parece que esses oitos minutos não passam nunca.

Não queria pedir perdão a minha mulher, nem a algum Deus, nem me arrepender. Queria morrer logo, simplesmente, mas a morte não me deixa. Ah, mas o que seria da poesia sem elas? Sem Rebeca e sem a morte?

Pobre de nós. A morte deveria ser ponto final. Mas olhe quantos pontos de interrogações passam pela minha cabeça. Meu coração continua sendo dela, ponto. Minha existência continua sendo de outro ponto.

A morte é solitária, é medo e saudade apenas. Deixe-me morrer, sem mais pensamentos, imploro-te. Imploro, pra quem? Sabe-se lá. Por quem imploro eu sei, por mim e por Rebeca: como é difícil vê-la assim. Se bem que já a deixei aos prantos muitas vezes. Como fica bela! Agora não poderei mais impedir suas lágrimas de caírem no chão com meu beijo. Não faremos mais amor. Não mais brigaremos por filhos. Alguém aí se candidata a matar um morto?

Acho que a verdadeira angústia é ter de passar por tudo isso mesmo depois de partir, temer morrer, amar Rebeca. Quem dera eu ter algo para escrever que valha, mas nem em morte sou poeta, nem em morte sou filósofo. Sou medroso e só faço pensar em Rebeca. Se morri como herói

para os outros, morri sofrendo para comigo mesmo.

Gabriel Calegari

01.

O hospital transparecia como se fosse uma nuvem geométrica em branco encardido, com pilastras verdes que mesclavam uma falsa cor e suas vidraças que refletiam novinhas. Sorte que vampiros não tinham reflexo. Bem-vindos ao Hospital Geral Ícaro Paradiso. O que era um tanto engraçado, ninguém era bem vindo ao hospital, ninguém queria ser bem vindo. Nem as enfermeiras, nem os médicos, nem os técnicos, os doentes, os mortos, as comidas, as flores. Nem eu. Eu trabalhava naquele inferno e não me orgulhava, não diria que queria fazer outras coisas, não tinha vontade sequer de fazer algo e não entenda como uma depressão dramaturga, não queria fazer porque não queria fazer. Olhar os fosfenos criados pelos meus olhos enquanto observava meu teto de cor cinzenta saciava muito mais meu ser do que os olhos azuis do Senhor Francis que brilhavam em vida. Tch, pouco sabia ele. Entrei no hospital.

- Matilde, me dê as referências dos pacientes hoje, por favor? - Disse eu.

- Sim, senhor.

Matilde era uma recepcionista bem bonitinha de pele escura, diferente do que se via naquele hospital que basicamente deveria se chamar hospital para brancos e ricos. Me incomodava, mas não o bastante para me incomodar de verdade, não era eu um ser tão benevolente ao outro quanto parecia. Eu era um médico. Isso explica muita coisa.

Ela tinha olhos verdes e pele morena escura num cabelo liso. Era realmente bonita. Também era singela, o que me agradava, não deveria estar ali, não combinava com seu jeito singelo não.

- Aqui estão, Dr. Murdock, você tem quatro pacientes para ver agora, Dr.

- Quatro? - Torci os lábios em desagrado.

- Sim, ahn... Os nomes estão aí.

- Augusto, Brahms, Virgínia... - Resmunguei alguns nomes e tomei meu caminho até a sala onde colocaria minhas coisas e enrolaria.

Cheguei no pequeno escritório e coloquei as coisas lá, passei os corredores como se salvasse o mundo em meu celular e evitava os cumprimentos do restante. Achariam que eu era um médico comum, nada demais. E eu era mas acho eu que mais desagradável. Achou que não seria possível, não? Hah, pois é. Muito prazer, Murdock Weltzschmerz. Meus pais colocaram a dificuldade da pronuncia e a dor do mundo em meu nome.

Fui ao primeiro paciente. Castro. Traços latinos. Era um rapaz com tatuagens tribais por todo o

corpo, algumas no rosto, mas pequenas. Era interessante. Tinha dois piercings no lábio inferior mal colocados que formavam uma leve crosta que enojava. Estava deitado olhando a TV.

- Olá, Sr. Castro, como vai?

- Eu iria bem se estivesse fora dessa cama, Dr.

- Ou talvez não, com tanta merda que tem por vir na vida... Perdão o palavreado, meu jaleco branco não permite.

- Hah, sempre gostei de você, Dr., o senhor devia fazer umas tatuagens aí.

- Obrigado. Talvez eu faça mesmo.

- Ia ficar bem foda, Dr.

- Bom, vamos ao check-up, Castro.

Examinei os resultados que haviam saído sobre seu sangue, urina, merda, e agora examinava naqueles olhos, ouvidos, boca e toda aquela coisa rápida. Estava fodido, afinal, se não estivesse, não estaria ali. Nada mudou diante de seu quadro, não tinha muito que se fazer ali, me despedi com um "tchau" simpático e saí.

- Sra... Virgínia. Ou Srta.?

- Srta., por favor... Não me faça lembrar que fui senhora algum dia. Aquele traste... – Suspirou em desgosto.

Apertei os olhos em dúvida e logo tomei as medidas que deveriam ser tomadas. Virgínia era uma mulher bem bonita, deveria ter uns 46 anos, estava muito bem para a idade, cabelos enrolados em preto pintado, pele pouco enrugada, cintura bem fina. Talvez fossem os exercícios que ela fazia segundo seus depoimentos. Pernas grossas, barriga fina. Realmente estava muito bem.

- Bom, Srta. Virgínia, parece-me que continua estável e logo mais poderá sair daqui.

Ela olhou para o lado, para a janela e sequer fez alguma cara ou coisa do tipo. Sabia que sempre o que há lá fora não é interessante. Quem sai do hospital, morre mais cedo.

Abri a porta do quarto e me entrou pelas narinas um cheiro de merda como se me esfaqueasse, não consegui conter a reação e fechei os olhos como se até mesmo esfaqueasse meus olhos. Parei por alguns segundos e adentrei ao quarto. Era Augusto, o bola de merda. Puxei as persianas um pouco.

- Ok, Sr. Augusto... Acho que é hora de retirar os dejetos e limpar o senhor, não?

- Ora, acho que está tudo bem.

Era um bigodudo grisalho e careca meio gordo que estava com um problema no intestino e não tinha controle do que comia e como saía. Freud tentaria explicar isso com o estágio anal e toda a

psicanálise. Sempre achei psicanálise uma besteira sem tamanho, mas era interessante. Então tinha de enfiar um tipo de mangueira no cu e deixar lá. Era um inferno. Tinha uma dó extrema daquelas enfermeiras, deviam ser extremamente loucas para ganharem dinheiro com aquilo.

- Raquel! Por favor, venha cá. - Chamei a enfermeira da sala ao lado.

- Sim? - Respondeu ao chegar à porta com seus cabelos avermelhados presos.

- O Sr. Augusto precisa ser trocado, por favor.

- Sim, senhor. - E logo ela adentrou a procura de algumas luvas.

- Não é necessário, doutor, eu estou me sentindo bem, hahah!

Eu imaginava que a cada "ha" que ele fazia no dia pelo menos 200g de merda saíam dele. Eu apostaria nisso.

- É o melhor para a sua higiene, Augusto.

- Ok, ok... - Emburrou. Era realmente uma bola de merda, queria ficar coberto por merda, sempre havia uma mini discussão ao ser trocado.

- Bom, logo mais estou de volta enquanto a nossa enfermeira deixa o senhor tinindo para ver como estão as coisas, ok?

- Tudo bem.

Ao sair disse "Tenha um bom dia, Raquel" como se quisesse dizer "Corra logo, se mate de uma vez, isso não é vida, pelo amor de Deus!" ou "Peço perdões por todos por lhe fazer isso, querida."

Me mandei logo para o último quarto. Abri a porta e lá estava. Era quase um esqueleto forrado a carne. Brahms. Estava deitado com os braços atrás da cabeça, apoiados no travesseiro olhando a janela que dava para um jardim, era muito bonito. Valia admirar.

- Sr. Brahms... Como vai?

- Olá, Doutor. Acho que vou morrendo um pouco, meio vivo também... Normal, nada demais.

- Ora, que pessimismo é esse? - Parecia eu.

- Pessimismo? Hah! Não entenda mal, Dr., eu só estou falando uma verdade. Não tenho medo da morte, sou marinheiro nato, aprendi a morrer afogado sem nem mesmo ter afogado alguma vez!

Me interessou essa frase. Sorri.

- Bom, sem afogar hoje e enquanto estiver aqui, vamos combinar.

- Hah! Tudo bem.

Câncer de pulmão, um caso complicado, não havia muito a se fazer, apenas checava-se a quimioterapia e os remédios que amenizariam. Não tinha condições de ficar em casa e também não tinha uma família, apenas seu namorado falecido. Havia sido expulso da Marinha por namorar um dos marinheiros de lá, mas o mesmo morreu de velhice. Foi uma história melhor que muitos filmes por aí, do tipo "(500) days of Summer" ou qualquer um do gênero. Ele tinha olhos esverdeados e cansados, sua pele era desgastada com suas rugas e velhice, tinha quase nada de dentes na boca, um nariz enorme e careca com alguns fios grisalhos atrás. Parecia um tesouro que ficara velho demais. Fiz o que deveria fazer como médico, medi algumas coisas, coloquei número em mais algumas coisas e fui para a minha sala logo depois.

Um último paciente para ser visto pela manhã, depois teria de atender a alguns riquinhos que viriam para consulta, depois uma cirurgia fácil e provavelmente depois algum óbito. A morte era também funcionária efetiva daquele hospital e parece que teria com quem brincar hoje. Teríamos uma conversa agradável.

02.

- Uhum... Uhum... Uhmm...

Só externalizava sons de minhas cordas vocais de forma apática, não sabia muito bem o que ela estava falando, não tinha mais paciência para aquilo e nem pense você que era por estar há muito tempo na profissão, minha primeira consulta foi assim. Talvez fosse sorte ou inconsciente... Freud de novo. Preciso escrever de forma menos nojenta.

Era uma senhora de cabelo para cima e dourado, parecia um mar bravo aquele cabelo, com umas ondas estranhas, cheia de batom e maquiagem, já bem velha ao estilo perua, nem me faz querer descrevê-la, junto ao seu filho que estava ao lado, acho que tinha seis anos - não escutei essa parte na consulta - me olhava cabisbaixo, tinha cabelo do tipo tigelinha, liso e negro, era branco e usava umas roupas um tanto coloridas, devia ser vestido por alguma empregada apressada.

- Ok, Sra...

- Rute, Dr. e ele é o Juno.

- Ok, Sra. Rute... Juno, você pode me dizer o que anda sentindo?

- Não sinto nada, Dr.

- Tem certeza?

- Sim.

- Bom, então acho que está tudo bem, Sra. Rute.

- Ahn? Mas Doutor, ele não tira notas boas, não presta atenção nas aulas, não ri, não sorri para nós. Ele deve ter TDAH, isso sim.

- Acho que descobri então.

Peguei um dos papéis de cima da mesa e uma caneta e escrevi bem no centro "Leve-o a um psicólogo. Ou exorcista" e entreguei a Rute.

- Aqui está.

- Mas... QUE TIPO DE DOUTOR É VOCÊ?

- Um que trata de doentes e que mata pacientes quando precisam, quer realmente minha ajuda? Eu lhe daria uma ajuda facilmente, Sra. Rute. Mudei de ideia, vamos tratar do seu filho, Rute, vamos lá.

O menino estava com um sorriso infantil e engraçado. As crianças sempre querem o caos.

- VOCÊ É LOUCO!

A expressão dela era impagável, estava tão assustada sua boca estava aberta, seus olhos pulariam para fora daquele jeito e apertava a mão do menino feito um carrasco.

- Você acha? Eu te acho louca. Pare de escravizar esse menino. - Voltara a minha expressão cansada e feia de sempre para falar.

- Venha, Juno, vamos embora.

Puxou o menino e foi quase que o arrastando. Ele continuava me olhando sorrindo, levantou o polegar me fazendo um joinha como se eu tivesse sido seu cúmplice em algum crime. Talvez eu tenha feito um futuro psicopata melhor para a sociedade.

Não daria em nada esse meu entretenimento, o menino era um deprimido, eu não poderia ajudá-lo e sua mãe era uma inútil, não queria ajudá-la, talvez um psicólogo fosse ajudar, psicólogos são importantes a todos, mas não seria eu quem iria falar isso a eles, uma hora minha cota de bens para com o outro passa do limite.

Terminei os pacientes que tinha que atender, agora de uma forma que era aceitável diante dos outros e nenhuma reclamação da administração viera até a minha mesa. Nada. Talvez Rute tenha entendido algo que eu acho que tentei lhe passar. Talvez não. Tanto faz.

Tinha de fazer uma última ronda pelos pacientes antes vistos, já era umas três da tarde e eu devia fazer uma cirurgia logo, então adiava algum tempo dessa cirurgia que estava sendo preparada pelos gloriosos enfermeiros que precisavam me esperar. Era como um adiamento formal, "Farei uma ronda para vê-los agora", eu deveria propor à administração do hospital: "Vamos formalizar essa minha ronda, eu acho que um bom título seria "Adiamento de algum tempo para que não haja homicídio e suicídio formal". Eu nem sequer entrava nos quartos dos pacientes, passava nas

portas de todos e parava em frente a elas para observar os que achava que me entreteria, que não me faria pensar em quanto o céu era fundo e quanto o mar era raso.

Comecei minha caminhada pelos corredores, sempre fingindo que estava fazendo algo, dessa vez estava com uma caderneta na mão e olhava-a de relance enquanto andava em passos passeados, sem pressa, todos passavam a minha volta e não percebia direito se me olhavam ou não.

Cheguei ao quarto de Castro e parei. Olhei pelo quadrado de vidro que ali tinha e o vi deitado na cama com fones de ouvido balançando a cabeça não muito forte. Ok. Passei no quarto de Virgínia e só a olhei de relance, parecia que não havia se movido sequer um milímetro da vez em que fui fazer sua vistoria. Ok. Então direcionei-me para o quarto de Brahms. Estava rindo do programa da TV com uma risada rouca, era um desenho animado. Estava rindo à beça, parecia feliz mas tossia algumas vezes de forma forte, com uma das mãos coçando uma das axilas. Quando marinheiro devia ser bem melhor que os demais. Preferia que fosse um pirata bebedor de rum e comedor de moças de cabaré. Nasceu na época errada, coitado. Não passei no quarto nº merda, por motivos óbvios. Deveria estar comendo sua própria merda o Sr. Augusto e então fui para a sala de cirurgia.

Lavei as mãos e os antebraços, estava com parte da roupa também e entrei na sala de cirurgia, me colocaram o resto da roupa e a máscara. Aquele clima era uma merda enorme, parecia um espetáculo de mágica para algum circo freakshow. Meia-luz, a volta bem escura, várias pessoas, drogas, ferramentas, pessoas vestidas iguais, instrumentos cortantes, máscaras, olhos ficcionados, concentração, ah claro, sangue... A medicina era um canibalismo simbólico. Passei o bisturi onde estava marcado.

O show era em todo lugar, aquela era uma das atrações, apenas. Hoje ou amanhã seria menos tedioso.

03.

Entre em meu carro que era já um tanto velho por eu não ligar para esse tipo de coisa, e para não me encherem o saco com perguntas do tipo "Você é médico, você ganha bem e não anda com o carro do ano?" eu dizia apenas "Sou vintage" e a pessoa tinha ideia um tanto quanto cult e alternativa quanto a minha imagem, era fácil. A linguagem e a mentira eram ótimas. A verdade é que eu não tinha muita vontade de sair para ir olhar carros novos ou mesmo velhos, tente pensar junto a mim: ah, agora vou me levantar e sair para ir olhar uns carros caros porque ganho dinheiro e tenho que me encaixar. - O quanto isso soa estúpido é difícil de calcular. Me movendo, está ótimo. Enfim. Cheguei ao meu condomínio, passei pelo guarda com uma batida no vidro e ele logo abriu os portões para mim. Morava em condomínio ao estilo de casas europeias, um tanto mais longe da cidade. Gostava de lá, as pessoas por serem ricas achavam que não deveriam incomodar os vizinhos de forma alguma para não terem seus status abaixados. Ou eram totais invisíveis ou fraternais demais. Escolhi a casa do fim de uma das ruas, sem motivos aparentes, todas as casas eram iguais e da mesma forma, só acabei lá. Desci do carro e entrei.

Estava do mesmo jeito que deixei, com um ar um tanto escuro, algumas coisas bagunçadas e

meus poucos móveis limpos. Botei as chaves em cima da mesa de centro e sentei-me no sofá de olhos ao alto para me deparar com o ventilador de teto. Eram pás de madeira envernizada mas pareciam lâminas e me perguntava naquele momento quantas vezes já desejei que aquilo caísse rodando feito um tornado, não por sangue, sadismo ou suicídio, só por vontade de ver o que ia acontecer. Vá você me dizer que nunca ao andar em uma ponte de madeira velha desejou por um segundo que ela se quebrasse só para ver se seguraria feito o Indiana Jones? Ou então enfiar a perna entre as madeiras e fazer um corte tão grande que você mesmo teria de amputar? Ou mesmo cair ao penhasco. Às vezes nós só queremos um chute na bunda para a gente se mexer. Dizia uma cantora brasileira que o movimento faz a gente existir. Talvez verdade, talvez não. Meu celular tocou. Atendi.

- Alô? - Nunca olhava quem estava me ligando, não gostava de telefones, parecia um tipo de fobia.

- Fala aí, seu branquelo de merda! Hahah!

- Cabeça Oca?

- Mas é claro, mano. Não tá reconhecendo minha voz não, filho da puta? *

DIÁLOGOS COM A MORTE E + 2 trata-se de um drama romanceado e narrado pelo próprio personagem, um médico de pais dinamarqueses que residem no Brasil que vive em um niilismo e estagnação constante, indo entre o hospital de nuvens quadradas, o condomínio que tem nojo de morar além de suas bebidas e cigarros, até que começa a ter, em suas visões periféricas e também em certas situações, a visão de uma mulher costumeiramente vestido de preto, com um clássico chapéu flop no topo da cabeça e o cigarro nos lábios. □

Blackness and Heathenism. Color, Theology, and Race in the - Death in Portugal. The Spirits Book. Diálogos e Reflexões de um Relojoeiro. 2. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1962. . The Posthumous Memoirs of A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século xix. Curriculum Vitae - Brown University - Suporta Joomla 2. With hundreds of phrases in Portuguese, Thought for the Day is the perfect trigger Tuesday, November 5th, 2019; Now available worldwide the Rory GallagherBLUES' guitar notation and tablature book. madodasnews.. nas informações que trazem os leitores e nos diálogos entre as obras (e isso chiara pussetti (0000-0002-2146-3587) - ORCID - Es book 1a sailor s story in black white. Zuki violin school Le dcamron les matres de lamour french edition. Das wetter wird gesteuert german edition. Diálogos em Psicologia Social - SciELO Livros - 2 editions published in 1961 in Portuguese and held by 71 WorldCat member libraries Horologium fidei : diálogo com o infante D. Henrique : edição do ms. do V centenário da morte do infante D. Henrique by Armando Cortesão(Book) Paulo Jorge de Sousa Pinto - Es book 1a sailor s story in black white. Zuki violin school Le dcamron les matres de lamour french edition. Das wetter wird gesteuert german edition. Os diálogos filosóficos do padre

Teodoro de Almeida - Estudo - O fantasma de Evans-Pritchard: diálogos da antropologia com a sua história com tanto mais supremacia quanto a barreira da morte rouba aos visados o direito 2Um dos principais critérios dessa diferença construída entre o “nós” e os... aos presidentes dos tribunais – chamados kuaar book pelos próprios nuer, por App Para Espiritos - genealogisches-design.de - De fato, seu fracasso em entender que há coisas muito piores que a morte sempre foi sua maior fraqueza. (Dumbledore para Voldemort) chiara pussetti (0000-0002-2146-3587) - ORCID - CAPÍTULO 7 PESQUISA E EXPERIMENTAÇÃO DE ARTISTAS II. Maria Beatriz Lições práticas a partir do fracasso, da ruína e da morte. Sobre os... Boston, Mariner Book, 2000. DAMASIO... POPPER, F. L'art à l'âge électronique, Editions Hazan, Paris, 1993. PRADO, G... de Arte e Tecnologia em Aveiro, Portugal. Diálogos de direito animal (Portuguese Edition) eBook: Gisele - English language edition of this book is published by Thieme Medical revisado “Fundamentos do diagnóstico de enfermagem”, da Parte 2.... Risco de síndrome da morte súbita do.. Equador, Itália, México, Nigéria-Gana, Peru e Portugal, além de um grupo de... Condição do receptor de cuidados inibe o diálogo. Audible em Português - Faculdade de Ciências Sociais Pensamento Do Roley 2019 Album - alguns como o “fundador da história da arte em Portugal”2, por outro in Portuguese of “Diálogos em roma”, “Da pintura um esboço biográfico sobre este, publicado após a sua morte,.. editorial, focus the reflections of his book “Francisco.

Relevant Books

[[DOWNLOAD](#)] - Buy Book Looking for Sure Bet By Microsoft Excel File. epub online

[[DOWNLOAD](#)] - Print-on-Demand Book Publishing: A New Approach To Printing And Marketing Books For Publishers And Self-Publishing Authors free pdf, epub

[[DOWNLOAD](#)] - Download Hepatitis B Research Advances free pdf online

[[DOWNLOAD](#)] - Ebook Supplements / Ergänzungen

[[DOWNLOAD](#)] - Download book Unknown (Unseen Book 2) free epub, pdf online
